

NA RONDA DA NOITE: POLICIAMENTO E PROSTITUIÇÃO EM CAMPINA GRANDE (1930-1950)

Uelba Alexandre do Nascimento¹

Universidade Federal de Campina Grande

Através de fontes como jornais e processos crimes, recuperamos neste artigo um pouco da complexa relação entre policiais e prostitutas na zona de meretrício de Campina Grande, entre as décadas de 1930 e 1950. Nela, encontramos policiais que faziam a “ronda da noite” punindo e prendendo aqueles (as) que não usavam e/ou circulavam nos espaço adequadamente, embora muitos destes policiais, ao invés de “proteger e manter a ordem” na zona era os responsáveis por quebrar com os códigos sociais ali construídos, e espalhar a desordem num espaço marcado por estereótipos que o qualificavam como “degenerado”. Portanto, tentaremos desvendar um pouco desta relação entre as pessoas que viviam e trabalhavam na zona de meretrício com as autoridades policiais que, teoricamente, estavam ali para “preservar” o patrimônio moral da cidade.

Palavras-chave: Policiais, prostituição, cidade.

Policiais na ronda da noite.²

Folheando as páginas do jornal *A Batalha*, de 1935, encontramos um artigo sugestivo de um articulista sobre a abertura de casas de lenocínios na cidade:

“Temos presenciado, de alguns tempos para cá, que as casas suspeitas, estão aumentando o seu comércio. E vemos na sombra da noite fatos que escandalizam e merecedores de um olhar severo da polícia. Mormente, às margens do Bodocongó e do Açude Velho, onde as criaturas despem-se dos últimos requisitos da moral e apresentam-se com os andrajos miseráveis de que são possuidores. (...) O nosso patrimônio moral precisa ser resguardado

¹ Uelba Alexandre do Nascimento é graduada em História (UFCG), mestre em Ciências Sociais (UFCG), professora substituta no curso de licenciatura e bacharelado em História pela UFCG, professora do curso de licenciatura em História pela UVA/UNAVIDA e professora da rede particular de ensino na cidade de Campina Grande, PB. Atualmente desenvolve pesquisas sobre malandragem e boemia em Campina Grande entre 1930 e 1950.

² Este texto faz parte do capítulo III da nossa dissertação de mestrado, intitulada: **O Doce Veneno da Noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande, UFCG, Abril de 2007.

desses ataques, cercadas essas casas e presos os que lá estiverem para por os acontecimentos em pratos limpos. Mãos a obra, senhores da polícia”.³

Esses e outros artigos de jornais que pesquisamos argumentam e vociferam para que a polícia coíba a ação de prostitutas, de viciados em jogo, dos gatunos, baderneiros, boêmios e toda e qualquer ação que venha a perturbar a ordem e os bons costumes da Campina Grande.⁴

Quase sempre os artigos clamam para que a polícia tome atitudes enérgicas, que cumpra o seu dever de mantenedora da ordem. E quase sempre os policiais atendiam aos rumores dos articulistas e da população mais abastada que via nos divertimentos populares um perigo.⁵

Assim, a ação policial muitas vezes extrapolava os limites da lei e estes homens cometiam inúmeras arbitrariedades justificando suas ações violentas em nome da lei e da ordem, como se pode observar no caso do chofer Domingos Cajá.⁶

Era o mês de dezembro, um mês especial porque se comemorava as festas de Natal e Ano Bom na cidade e os ânimos de seus moradores exaltavam-se em torno de tão esperada festa. E não era diferente para o chofer Domingos Cajá. Na noite do dia 09 de dezembro de 1927, depois de despedir-se do seu patrão, o então prefeito Ernani Lauritzen, dirigiu-se, por volta das 19:00 horas, à barraca do seu primo, Severino Alexandre de Almeida, conhecido quitandeiro que tinha sua barraca por trás da Fábrica de Fiação dos Campos, no bairro de Bodocongó.

Domingos sabia que a barraca de seu primo não era apenas um ótimo ponto comercial que servia os mais variados quitutes e “bebidas afrodisíacas”, mas também era um ponto de encontro de homens e “lindas garotas” que circulavam naquelas imediações para mostrar e oferecer o que tinham de melhor. Por isso o chofer, depois de um dia de trabalho, resolveu se divertir um pouco, afinal ninguém é de ferro e todo mundo é filho de Deus.

Chegando à barraca de seu primo o encontrou conversando com o agricultor Militão Leite e mais três “pequenas”: Maria Teixeira, Isabel e Severina. Animadamente, Domingos convidou a todos para darem um passeio com ele no carro e irem “tomar banho” em Bodocongó. Três homens e três mulheres. A farra prometia!

³ “Casas de Lenocínio”, *A Batalha*, quinta-feira, 14/03/1935, p. 03.

⁴ Outros jornais que fazem referência a abertura de “casas suspeitas” na cidade: “Prossegue escandalosamente a jogatina na cidade”, *O Rebate*, 10 de janeiro de 1937, s/p.; “Vícios”, *O Rebate*, 04 de outubro de 1949, p. 04.; e “O jogo campeia abertamente no bairro de José Pinheiro”, *O Momento*, domingo, 05 de novembro de 1950, s/p.

⁵ Sobre a tentativa de cercear os divertimentos populares ver SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande 1920-1945*. Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2001:171-245; e SOUSA, Antonio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2002:42-51 e 63-73.

⁶ Apelação criminal nº 101, réu Ignácio Ferreira da Silva, maço 24/11/1931 a 22/12/1931.

Severino aceita prontamente, talvez excitado com a idéia de uma noitada inesquecível, e manda um de seus funcionários preparar uma “cachimbada”⁷ para levarem ao banho. Maria Teixeira não queria aceitar o convite “(...) porque tinha receio que a deixassem no meio do caminho”, mas Domingos a convenceu “(...) dizendo que era capaz de trazê-la novamente para a cidade”.⁸

Quando todos estavam no carro preparados para saírem para a noitada, eis que chega o soldado Ignácio Ferreira da Silva, que naquela noite estava rondando os “trechos de habitações de meretrizes que existem ali depois da fábrica de fiação dos Campos bem como uma barraca de reunião costumeira de meretrizes e capadois (?), ao passar defronte da mesma barraca viu que estava junto um automóvel parado, cheio de prostitutas das mais vagabundas e paisanos de baixa classe (...)”⁹ (grifo nosso).

Todos naquele carro sabiam, com exceção de Severina Pequena, recém chegada de Pernambuco, da recente ordem dada pelo delegado de polícia, Tenente José Maurício da Costa que “(...) era proibido meretrizes chamegarem dentro de automóveis com homens para banhos em Bodocongó (...)”.¹⁰

O soldado Ignácio Ferreira abordou o chofer questionando-o se ele não sabia desta ordem, ao que Domingos, com certa petulância, respondeu que “(...) não sabia e tornando a seguir o soldado disse que era proibido” e Domingos, ainda dentro do carro, voltou-se novamente para o soldado dizendo-lhe que “o carro era dele e ele botava quem quisesse dentro dele”.¹¹ Sentindo-se afrontado na sua autoridade, o soldado intima todos a comparecer à delegacia para se explicarem com o Tenente José Maurício. Irritado com tamanho abuso de poder do policial, e ainda mais por este querer frustrar-lhe a noite, Domingos não aceita a intimação e sai do carro dizendo: “não vou a Delegacia e o senhor é quem vai comigo no auto à casa do senhor Ernani Lauritzen”.¹²

O chofer do prefeito sabia muito bem que poderia recorrer à autoridade maior da cidade, que estava acima do soldado e do próprio delegado, que era o coronel Lauritzen. Não se intimidando com o ardil lançado por Domingos, o soldado desembainhou a arma que carregava e sem mais conversa atirou no chofer. Assustados com o tiro, desceram da boléia do

⁷ “Cachimbo” ou “cachimbada” é referência a uma bebida muito apreciada pelos populares, que era cachaça com mel ou com frutas, como caju e abacaxi. Geralmente era servida aos amigos quando da visita ou comemoração ao nascimento de uma criança.

⁸ Depoimento de Maria Teixeira, 25 anos, solteira, meretriz, em 18/12/1927, na Delegacia.

⁹ Depoimento de Ignácio Ferreira da Silva, 26 anos, solteiro, militar, em 11/12/1927, às 7:00 horas da manhã na Delegacia.

¹⁰ Depoimento de Severina Pequena, natural de Pernambuco, 16 anos, solteira, em 10/12/1927, na Delegacia.

¹¹ Depoimento de Severino Alexandre de Almeida, 40 anos, casado, quitandeiro, em 09/12/1927, na Delegacia.

¹² Idem.

carro Militão e as três mulheres, enquanto Severino foi interceptado por Ignácio exigindo que fosse até a delegacia com eles e um outro popular de nome Manuel Maria de França que passava naquele momento por ali.

Ferido e perdendo muito sangue, Domingos foi obrigado pelo soldado a dirigir o carro até próximo a Igreja do Rosário ¹³, quando não mais pode fazê-lo devido aos ferimentos que recebera. Ignácio manda Manuel Maria correr até a delegacia para chamar o cabo Marinheiro, que chegou ao local e providenciou um outro chofer para levar Domingos ferido para uma farmácia.

Este caso do chofer Domingos Cajá repercutiu por toda cidade como um caso de violência estúpida e gratuita por parte do soldado Ignácio Ferreira, especialmente porque, no dia seguinte, o chofer não resistiu aos ferimentos causados pelo tiro que recebeu e veio a falecer.

É importante ressaltar que do final dos anos 1920 para início dos anos 1930, a Paraíba vivia sob a égide das oligarquias em que a autoridade dos coronéis era incontestável. Por isso a atitude do chofer Domingos Cajá em levar à presença do prefeito Ernani Lauritzen aquele soldado que teimava, juntamente com o delegado, em ser maior do que o homem que governava a cidade. ¹⁴

Neste sentido, estabeleceu-se uma quebra de braços, uma medição de forças, para saber quem podia mais. No entanto, Domingos Cajá teve sua vida encurtada e sua noitada indo por ladeira abaixo. E mais ainda, não foi feita justiça pela atitude bárbara tomada por Ignácio Ferreira, pois o processo se arrastou por cinco anos, entre recursos e apelações, sendo ao final o réu absolvido por unanimidade de votos no dia oito de setembro de mil novecentos e trinta e dois.

Este não é o único caso em que policiais tomam atitudes arbitrárias nos locais de prostituição. ¹⁵ Muitas vezes, ao invés de estarem trabalhando na ronda da noite, eles se divertiam nos inúmeros cabarés da Mandchúria e não raro se intrometiam nas querelas das prostitutas, como ocorreu no dia 09 de maio de 1932 por volta da meia noite. ¹⁶

¹³ A antiga Igreja do Rosário de Campina Grande localizava-se onde hoje é a praça em frente ao antigo cinema Capitólio.

¹⁴ Sobre o coronelismo na Paraíba ver LEWIN, Linda. *Política e Parentela na Paraíba*. Rio de Janeiro: Record, 1993; sobre a família Lauritzen ver DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*, vol 1. Campina Grande: Eletrônicas, 1993:165-169; e RIBEIRO, Hortênsio de Sousa. *Vultos e Fatos*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Estado, 1979:247-255.

¹⁵ Veja também um processo em que um policial dá um tiro nas nádegas de um popular porque este espalhava pelos cabarés que ia dar-lhe uma surra. Ação criminal nº 24, réu Joaquim Florêncio Gonçalves, vulgo Titico, maço 09/01/1933 a 04/11/1933.

¹⁶ Sumário crime s/n, réus Paulina Silva de Oliveira, Odete de Tal e João Veríssimo Filho, maço 02/02/1932 a 14/12/1932.

Paulina e Odete já eram desafetas de algum tempo, especialmente porque Odete sendo mais nova e recém chegada à cidade, atraía mais clientes do que Paulina. Naquela noite, Paulina, que já havia tomado umas bicadas, estava disposta a surrar Odete e esperava qualquer motivo para executar seu intento. Eis que ao passar de frente ao bilhar de Severino Américo Pereira, na rua 5 de Agosto, nº 199, encontra Odete com sua amiga Rosa Vieira da Silva e ouviu quando Odete falava mal dela. Foi aí que explodiu a briga entre elas: Paulina partiu para cima de Odete e ambas ficaram agarradas se esbofeteando, ou como diria a gíria na zona, “resolvendo a questão no braço”.

Foi neste momento que o soldado da polícia João Veríssimo Filho, que fazia a ronda naquela noite, chegou para “manter a ordem no local”, dando voz de prisão as contendoras e apartando a luta. Só que Paulina não aceitou a intromissão do soldado na sua questão com Odete e empurrou-o violentamente, atracando-se novamente com ela. Foi aí que João Veríssimo “(...) deu duas cipoadas em Paulina, com uma chibatazinha que conduzia e esta desagarrrou-se de Odete”.¹⁷

Neste momento o jovem soldado conduziu as mulheres para a delegacia, sendo que no percurso, Paulina não se acalmava e continuava a querer brigar com Odete, dizendo-lhe improperios, ao que João Veríssimo mais uma vez utilizou de sua “tabica” para esbordoar Paulina que estava mais embriagada que sua rival.

O interessante deste processo é perceber não só como os policiais agiam agressivamente nos locais de prostituição, mas também como eles podiam punir ou amenizar a situação das meretrizes quando queriam. Em seu depoimento na delegacia, João Veríssimo Filho afirma que não conseguia controlar Paulina porque esta estava bastante alcoolizada enquanto que Odete estava calada. Basta observarmos mais um pouco os depoimentos e percebemos o interesse do jovem soldado em Odete, que era uma jovem prostituta de 18 anos, natural de Pernambuco. Em todos os depoimentos das testemunhas, elas afirmam que ambas estavam embriagadas, sendo que Paulina um pouco mais. No entanto, isso não aparece no depoimento do soldado João Veríssimo.

Além disso, o próprio soldado aproveita-se da fama de arruaceira de Paulina para piorar sua situação e amenizar a de Odete que, quem sabe, poderia lhe conceder “alguns favores” depois.

Interessante também é o relatório do delegado Celso Pedrosa que, ao contrário do que fizera o tenente José Maurício no caso de Ignácio Ferreira, afirma ter sido o soldado o autor

¹⁷ Depoimento de João Veríssimo Filho, natural de Patos, soldado do Requerimento Policial Militar, solteiro, 20 anos incompletos, filho de João Verissimo da Costa, em 17/05/1932 na Delegacia.

das agressões em Paulina “(...) embora que tenha sido esse crime originado pela desobediência e violência da mulher Paulina contra sua autoridade.”¹⁸ Isso demonstra não só a constância dessas práticas por parte dos policiais, o que também se verifica em outros processos, mas também a forma como a polícia tenta se manter como uma instituição exemplar perante a sociedade, “punindo” aqueles que se envolvem ou praticam crimes na zona de meretrício da cidade.¹⁹

Esse papel de “disciplinador” da sociedade que a polícia queria passar para a sociedade e, em especial para as mulheres, estava muito de acordo com os valores morais burgueses que a polícia, enquanto instituição tentava preservar, como afirma Bretas (1997, p. 179):

“O policiamento do comportamento sexual demonstra tanto o papel da polícia quanto o dos cidadãos na efetivação das leis e valores sociais. Também pode ilustrar o papel da polícia na prática de crimes, muitos dos acusados sendo policiais.”²⁰

No entanto, esses crimes muitas vezes permitiam que as diferentes forças policiais, como a guarda noturna, mostrassem seus antagonismos e se criticassem mutuamente, mas na maioria dos casos os antagonismos terminavam em violentas brigas e até mesmo em assassinatos, demonstrando uma luta constante entre instituições que mediam o tempo todo suas forças pelas ruas da cidade e pelo meretrício.

Guardas noturnos e Policiais: uma relação nada amistosa

“(...) O serviço que está sendo realizado, entre nós, pela guarda noturna desta cidade, tem sido, já se pode dizer, d’alguma sorte apreciável, graças ao esforço e a operosidade do Sr. Antonio Nunes, chefe desta corporação, que se tem empenhado fortemente no sentido de assegurar, à nossa cidade, uma vigilância a altura do que está precisando. (...) Com um auxílio do nosso executivo, os guardas poderão aumentar de número, tornando-se mais fácil, deste modo, a realização de um serviço cada vez mais eficiente e organizado de segurança noturna”.²¹

As palavras do articulista do jornal *Voz da Borborema* em 1938 vinham exaltar a ação dos guardas noturnos, nas noites frias de Campina Grande daqueles anos, que protegiam as

¹⁸ Relatório do delegado de polícia Celso Pedrosa em 19/05/1932.

¹⁹ Colocamos a palavra punindo entre aspas porque mesmo sendo julgados e condenados pelos crimes que cometiam quase sempre os policiais escapavam ilesos através do benefício do sursis ou pela ação de um ótimo advogado que conseguia provar sua “inocência”.

²⁰ BRETAS, Marcos Luiz. *A Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro 1907-1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

²¹ “A Guarda Noturna desta cidade e sua eficiência”, *Voz da Borborema*, Ano II, nº 09, sábado, 12/02/1938, s/p.

ruas das ações de larápios e arruaceiros que por ventura viessem a perturbar o sono das famílias campinenses.

No entanto, o nosso articulista não ficaria nada satisfeito e talvez mudasse até de opinião se tivesse conhecido e acompanhado de perto as peripécias do guarda noturno João Alves, mais conhecido como “João do Sinal”.²²

A rua Manoel Pereira de Araújo já não era a mesma naqueles anos 1950. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a saída dos contingentes militares da cidade, o movimento das pensões alegres arrefeceu muito e por isso boa parte das “meninas” mudou-se para as Boninas, especialmente porque a área havia ficado “carregada” demais para o comércio do sexo mais sofisticado. Até mesmo o Cassino Eldorado, tão decantado pelas elites e memorialistas, havia perdido seu brilho e *glamour*.²³

Era neste cenário que João e seu companheiro, também guarda noturno, Aristides, conhecido por Bebé, atuavam como “*espancadores de mulheres prostitutas, desordeiros, desclassificados e cachaceiros habituais*”²⁴ Eram indivíduos extremamente perigosos que viviam a cometer absurdos na zona sem ter nenhuma punição justamente por serem guardas noturnos. Ao invés de protegerem as ruas eram eles mesmos contumazes arruaceiros no meretrício.

Na noite de 23 de agosto de 1955, pelas 23:00 horas, o sanfoneiro João Fernandes da Silva saía do Baile Azul, que estava acontecendo na Pororoca, atrás de um indivíduo que havia lhe furtado um pandeiro. Ao procurar o tal indivíduo pelas ruas do meretrício chegou perto da feira de carvão próximo a Maternidade Elpídio de Almeida e ficou parado ali de pé para ver alguma movimentação, quando ouviu por trás de si alguém dar um “psiu”. Ao virar-se para trás percebeu que era João do Sinal e seu amigo Bebé, que já lhe apontava a arma.

Para tentar se defender “(...) tirou sua faca do bolso e ficou parado para defender-se de qualquer coisa que por ventura lhe aparecesse”²⁵ e ao perceber que o guarda estava de arma em punho saiu correndo ao que foi atingido com um tiro no pé e outro pelas costas que saiu pelo intestino. Nesse mesmo instante as meretrizes Maria Regis da Silva e Maria de Lurdes da Conceição iam passando pelo local e ao perceberem que João do Sinal atirava no sanfoneiro Duda ficaram paralisadas, ao que ele apontou a arma para elas dizendo “o que é

²² Ação penal nº 4014, réus Aristides Francisco de Oliveira, conhecido como Bebé, e João Alves, vulgo “João do Sinal”, maço 21/01/1955 a 19/11/1955. João Alves tinha este apelido porque tinha um sinal grande na face esquerda do rosto.

²³ Sobre o Eldorado e a decadência da zona da feira ver SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de, op. cit., p. 323-342.

²⁴ Todos os termos foram retirados dos depoimentos das cinco testemunhas que depuseram no caso.

²⁵ Depoimento de João Fernandes da Silva, conhecido como Duda, casado, 40 anos, residente a Almirante Barroso, em 25/08/1955, no Hospital D. Pedro I, na presença do delegado Major José Cesarino da Nóbrega.

que vai querer puta safada”²⁶; como nada responderam os indivíduos saíram correndo em direção a José Pinheiro.

Este crime praticado contra o sanfoneiro Duda não teve explicações e mesmo sendo uma violência gratuita e que denunciava as arbitrariedades de alguns guardas noturnos da cidade o processo se arrastou por quatro anos porque os denunciados nunca foram encontrados para darem seus depoimentos, correndo o processo à revelia.²⁷

Mais o que realmente impressiona no processo é o medo das pessoas que depuseram e ao mesmo tempo a indignação delas por existirem ali tantas “autoridades” da lei que promoviam verdadeiras badernas na zona de meretrício simplesmente pelo fato de acharem que aquele ambiente era um local desregrado e promíscuo e que por este motivo podiam fazer o que bem entendessem ali. Essa convivência conflituosa levava muitos populares à descrença e desconfiança tanto em relação à polícia militar quanto à guarda noturna da cidade, preferindo esperar pela “Lei da Compensação”, tão falada e depois musicada por Jackson do Pandeiro.

O advogado dos réus, Raimundo Asfóra, um dos mais brilhantes bacharéis de Campina Grande, tenta defendê-los argumentando que um dos motivos que levou a fuga dos seus clientes se deu em virtude “(...) *da velha animosidade existente entre guardas noturnos e soldados, invariavelmente em choque dentro das noites campinenses*”²⁸, o que demonstra que por isso mesmo as noites não eram tão tranquilas como queriam alguns letrados.

Possivelmente, o ilustre advogado estivesse fazendo referência aos inúmeros processos em que guardas noturnos e policiais se enfrentaram pelas ruas da cidade, seja nos locais de prostituição, nas ruas centrais ou nos subúrbios da cidade. Como não podemos dar conta de todo esse universo de conflitos escolhemos apenas os que fazem referência às zonas de meretrício da cidade, local, como já nos referimos, considerado por eles como permissivo a toda sorte de desregramentos.

Foi com esse pensamento que alguns soldados do Exército, dentre eles Antônio Marinho da Silva, praticavam toda sorte de desordens na zona da Mandchúria.²⁹ Era madrugada do sábado, dia 07 de março de 1954. Por volta das três horas da madrugada chegam à Pensão de Bastinha Barbosa na Manoel Pereira de Araújo, nº 313, três soldados do exército e três civis. A pensão encontrava-se fechada porque as meninas precisavam dormir

²⁶ Depoimento de Maria Regis da Silva, solteira, 25 anos, prostituta, residente a Manoel Pereira de Araújo, nº 24, no dia 24/08/1955, na Delegacia.

²⁷ João do Sinal e Bebê foram condenados a três anos de reclusão em 29/12/1959.

²⁸ Defesa previa dos réus pelo advogado Raimundo Asfóra em 29/03/1958.

²⁹ Ação criminal s/n, réu Sebastião Herculano da Silva, maço 14/01/1956 a 10/08/1956.

mais cedo para trabalhar até mais tarde no dia seguinte, afinal era dia de feira e a zona sempre ficava muito movimentada nesses dias.

Mas os homens batiam insistentemente na porta para entrar, no que foram atendidos por Maria Regis. Numa demonstração de valentia, todos empunhavam suas peixeiras para ver qual era a mais amolada de todas e logo após beberem alguns goles de cachaça foram embora, sendo que o soldado Marinho havia deixado sua túnica no quarto de Maria Regis, prometendo voltar mais tarde para pegá-la.

Embriagados, todos iam subindo a rua do mercado público a cometer desordens, sendo que o soldado Marinho era o mais agressivo de todos: ele batia nas portas das casas querendo pôr abaixo as portas das meretrizes e ainda jogou uma garrafa na janela de um rapaz porque este a abriu para ver o que acontecia. Armado de peixeira e um cassetete, o soldado Marinho conduzia a garrafa de aguardente nas mãos, bebericando e perturbando por onde passava, até que ouviram o apito do guarda noturno Sebastião Herculano que fazia sua ronda por ali.

Marinho, embriagado e metido a valentão, começou a insultar o guarda noturno assim como seus companheiros, e logo depois disse em alto e bom som que “(...) ia pegar aquele guarda para servir de mulher para ele; que nesse ínterim, o referido guarda respondeu que se eles fossem homens se aproximassem”³⁰ (grifo nosso). Neste momento, o soldado Antônio Marinho e os outros dois soldados que o acompanhava partiram pra cima do guarda noturno Sebastião Herculano de peixeira na mão e para se defender dos agressores, o guarda sacou de um revólver e atirou em Antônio Marinho, enquanto os outros dois fugiam deixando o soldado estirado sem vida no chão.

Este caso nos mostra a relação de força e poder que era o tempo todo medida entre os soldados do Exército e a guarda noturna da cidade, como atesta Bretas (1997, p.147-148):

“O relacionamento entre a polícia civil, a polícia militar e a guarda noturna sempre foi tenso, marcado pela diferença de recursos e de autoridade de cada uma das forças. A polícia civil tinha o poder definitivo que provocava ciúmes e conflitos (...). Em contraste, a polícia militar baseava sua força no seu contingente muito mais numeroso, sobre o qual a polícia civil não tinha controle devido às estruturas paralela de comando (...). A guarda noturna, mantida por contribuições particulares [ou pelas prefeituras municipais] era objeto de chacota como força policial.”

Talvez por ser motivo de chacota entre militares e civis, os guardas noturnos muitas vezes necessitavam impor sua presença e respeito dentro do espaço da cidade, e da zona em

³⁰ Depoimento de João Florentino Filho, solteiro, 23 anos, viajante, residente a Afonso Campos, nº 214, em 04/07/1955. João era um dos civis que estava no grupo com Marinho.

particular, com violência. Talvez por esse mesmo motivo, o militar Antônio Marinho quisesse “se servir” do guarda noturno Sebastião Herculano, levando este a cometer o crime exposto.

No entanto, diante desta briga por espaço e respeitabilidade, quem sofria na realidade eram as prostitutas e moradores da Mandchúria que nunca conseguiam se livrar destes “tranca-ruas” que sempre apareciam na zona.

O soldado Antônio Marinho já era bastante conhecido não só nos locais de prostituição por suas arruaças, mas também no Batalhão em que servia como afirma um de seus companheiros: *“que serviu no Exército com vítima e afirma que Antonio Marinho sempre foi desordeiro, tendo respondido a processos militares, pois até armas do Exército ele roubava e enterrava”*.³¹

O que nos surpreende é o fato de um soldado ser tão desordeiro desta forma, tendo até sido processado e condenado internamente pelo Exército várias vezes, como afirmou o Sgto. Francisco Joaquim do Nascimento³², continuar no exercício pleno de suas funções. Esse é um mistério que nós não conseguimos resolver.

No entanto, Antonio Marinho, apesar de nunca ter sido condenado efetivamente pela justiça comum pelos crimes que cometeu, encontrou-se com a morte, pondo fim ao seu “reinado” de arruaças e espancamentos praticados na zona de meretrício da cidade.

O mesmo destino atravessou o caminho dos soldados Aduino Santino e Antônio Bispo do Espírito Santo. Um pertencia, ao II Batalhão da Polícia Militar e o outro, ao III Batalhão Ferroviário.³³

Era mais ou menos 19:00 horas do dia 10 de março de 1956 quando Garibaldi Ferreira de Ataíde saía do quatinho de aluguel em que vivia na rua Rio Grande do Sul, Liberdade, para comparecer à festa de casamento de um amigo de trabalho da SANBRA, na rua da República, no bairro do Moita³⁴. Estava bem vestido para a ocasião: calça branca, camisa de seda listrada e sapato marrom. Não usava chapéu para não assanhar o cabelo que estava com brilhantina, afinal era o penteado da moda.

Permaneceu ali até por volta das 21:30 quando olhou para o relógio e percebeu que já estava na hora de encontrar-se com sua amante. Apesar de pouco tempo juntos, apenas oito dias, Garibaldi mostrava-se muito interessado naquela moça de 19 anos, extremamente charmosa e atraente pelo frescor da idade. Inácia também sentira a mesma atração sexual que

³¹ Idem.

³² Depoimento de Francisco Joaquim do Nascimento, casado, 46 anos, sargento reformado da Força Policial do Estado, residente a rua São Paulo, nº 275, em 04/07/1955.

³³ Ação criminal nº 3396, réu Garibaldi Pereira de Ataíde, vulgo Bodinho, maço 08/03/1956 à 09/11/1956.

³⁴ Bairro do Moita corresponde hoje ao bairro do Quarenta.

Garibaldi sentira por ela e não descartava a possibilidade dele tornar-se seu amante/gigolô definitivo.

Assim, Garibaldi continua sua jornada em direção a casa de diversão do sub-tenente Moreno no bairro do 40. Ao chegar lá encontra sua amante Inácia mais bela do que nunca e resolvem ficar por ali até por volta das 22:30. Saíram daquele baile para outro próximo dali, o de José Neves.

É interessante fazermos uma pausa para percebermos aqui alguns elementos que nos dão subsídio para entender esta relação de policiais com a prostituição.

Mesmo sendo coibida pelas autoridades policiais e pela justiça, a prostituição era algo que atraía especialmente porque dava lucros, não só à prostituta, mas também quem a favorecia. E se a pessoa que promovia bailes e encontros sexuais fosse do Exército era melhor ainda, porque as meretrizes sentiam-se mais seguras nestes ambientes, na certeza de que estavam acobertadas pelas autoridades policiais. Claro que elas pagavam por esta proteção, e pagavam caro. Não só com dinheiro, mas com “favores” sexuais também. Para algumas prostitutas, por mais paradoxal que seja, era bem mais interessante ter um cafetão/gigolô da polícia como protetor e amante, apesar de muitas vezes eles serem seus algozes, do que uma cafetina.

Daí entendemos o porquê dos bailes promovidos pelo subtenente Moreno serem tão freqüentados por prostitutas, policiais e populares.

Um outro aspecto é a sensação de poder e controle que a instituição da polícia exercia sobre os homens. Ser policial ou guarda noturno era a mesma coisa que ser uma autoridade. Sendo autoridade, eles também eram a Lei. E se sentindo como tais, tanto policiais quanto guardas noturnos se achavam no direito de poder fazer o que bem entendessem com os populares e em especial, com as prostitutas na zona de meretrício ou locais de prostituição, como afirma Bretas (1997, p. 14-15):

“Os donos deste saber [o conhecimento que a polícia tem de seu “poder”] podem ser capazes de obter diferentes graus de assentimento dos policiados, e portanto exercer seus poderes com maior ou menos rigor, mas a função primordial permanece intocada: a polícia é um corpo de técnicos que aplica um conhecimento incontestável a objetivos essencialmente bem-sucedidos, sejam eles progresso ou opressão.”

Foi investido por este sentimento que o policial João Nunes, que era amigo de Garibaldi antes de entrar para o Exército, afastou-se dele, por entender que não fazia mais

parte do grupo de populares, e sim de um grupo especial: o dos soldados do Exército Brasileiro.

Garibaldi e Inácia permaneceram no baile de João Neves, dançando, e justamente por ser atraente aos olhos dos homens que ali estavam o soldado João Nunes, achando-se no direito de interferir na vida de Inácia por entender que “prostituta não era dona de sua vida”³⁵, segura pelo seu braço e ordena que ela, a partir daquele momento, ficasse com seus colegas também soldados Aduino Santino e Antônio Bispo do Espírito Santo.

Não aceitando esta imposição de João Nunes, Inácia diz que está acompanhada. Mas seu colega, Aduino Santino, que estava fardado, insiste em fazer com que Inácia fique com ele. Entendendo a situação perigosa em que se encontrava, Garibaldi não reage: prefere deixar que a poeira baixe para logo sair dali, porque bem sabia que se arrumasse briga naquele ambiente, provavelmente sairia em desvantagem, pois naquele baile a presença de policiais era bastante grande. Quando Aduino largou Inácia, que resistia às suas investidas, tratou logo de sair do baile.

No entanto, Aduino e seu companheiro Antônio Bispo não se conformaram com a negativa de Inácia, afinal eles eram soldados e por isso deveriam ser obedecidos, especialmente em se tratando de uma meretriz.

O jovem casal sai do baile abraçado e rumo em direção a uma casa de família na rua Vidal de Negreiros, onde Inácia trabalhava durante o dia. Neste percurso, quando “(...) chegaram no meio da ladeira no trecho compreendido entre as oficinas e a garagem da Autoviária Rainha da Borborema e o baile de José Neves, foi advertido por uma voz que disse: “vamos tomar a mulher deste cabra safado e dar nele.”³⁶

Garibaldi não estava armado e disse para sua amante que estavam perto do quartel da polícia e que lá encontraria auxílio daquela unidade para se defender. No entanto, o casal foi alcançado pelos policiais que investiram contra Garibaldi dizendo-lhe: “*não pense que não tomo não cabra safado, que eu tomo.*”³⁷

Pela fala dos policiais percebemos esta atitude de “autoridade” e ao mesmo tempo de afirmação não só do poder policial, mas também do poder do macho que quer mostrar ao outro a força que tem para realizar suas vontades.

³⁵ Sobre a questão do sentimento de propriedade que muitos homens tinham em relação às prostitutas veja o capítulo II intitulado: “Cafetões, gigolôs e amantes: o sentimento de propriedade”, da dissertação de mestrado de NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. Op. Cit.

³⁶ Depoimento de Garibaldi Pereira de Ataíde, solteiro, 22 anos, operário da SAMBRA, em 19/03/1956, na delegacia

³⁷ Depoimento de Inácia Maria da Conceição, solteira, 19 anos, residente na Volta do Zé Leal, em 21/05/1956.

Sendo assim, Garibaldi foi espancado, derrubado no chão e pisado pelos dois policiais. Em seu depoimento na polícia, o jovem operário da SANBRA relata que foi não só agredido fisicamente, mas também moral, porque aqueles homens estavam querendo tomar-lhe a amante. Sem ter como se defender daquelas agressões, no meio da luta, “(...) *armou-se com uma faca peixeira que se encontrava em poder de um dos seus agressores*” que a deixou cair e assim golpeou-os.

O destino de Antônio Bispo e Aauto Santino é conhecido: ambos morreram pelas mãos de Garibaldi que tentava se defender das agressões sofridas e da humilhação de ter a amante tomada de seus braços. Inácia, no início da luta, havia fugido e não viu o seu desfecho. Voltou para o baile na casa de João Neves e contou tudo para sua amiga Lindalva, voltando para casa acompanhada com mais duas outras companheiras de ofício.

Mas o caso não acaba por aqui, pois ele ainda teve outro lance interessante. Garibaldi consegue fugir e vai para sua casa, só sabendo no outro dia que os soldados tinham morrido. E é aí que acontece um fato inusitado, que é narrado pelo próprio Garibaldi:

“...que dias depois resolveu se apresentar ao delegado de polícia, porque soube que estava sendo procurado por forças do Exército que queriam fuzilá-lo, e tanto isto é verdade que na noite de 13/03/1956 [três dias depois do assassinato], estando o depoente na SANBRA, soube que tropas estavam cercando a empresa para pegá-lo, tendo o depoente conseguido fugir; que nesse cerco à SANBRA, as mesmas tropas fizeram fogo no automóvel de passageiro que passava pela estrada, ferindo um passageiro do carro à bala.”
³⁸ (grifos nossos)

Percebe-se que o Exército, neste caso, queria resolver a questão a seu modo, tanto é que fazem um cerco à SANBRA para pegar Garibaldi e quem sabe até dar-lhe uma boa surra, ou coisa pior, antes de entregá-lo ao delegado de polícia. Espertamente ele consegue fugir e esconder-se no matagal que ficava por trás da empresa, só saindo de lá três dias depois para entregar-se, e se livrar do flagrante, confiando, como ele mesmo disse, “*na sua razão quando foi obrigado a cometer o crime para não morrer.*”³⁹

Esse e outros processos que pesquisamos nos indicam que a disputa entre soldados do Exército e populares era uma constante em vários bairros da cidade como em Bodocongó, Quarenta, Mandchúria e Açude Velho, especialmente quando apareciam figuras de valentões como Aauto Santino e Antônio Bispo e tranca-ruas como João do Sinal e Antônio Marinho. Esses constantes conflitos entre guardas noturnos, policiais e populares chegaram a ser tema

³⁸ Depoimento de Garibaldi Pereira de Ataíde em 13/04/1956, no Fórum.

³⁹ Garibaldi Pereira de Ataíde foi absolvido por unanimidade de votos por legítima defesa em 29/08/1956. Este é um dos poucos casos em que além do processo correr rápido, cinco meses, promotoria e defesa trabalharam juntos pela defesa de um réu. Promotor : Estácio Tavares; Advogado: Raimundo Asfôra.

de música para Rosil Cavalcanti e Jackson do Pandeiro, numa demonstração de que quando não havia justiça formal que punissem tais arruaceiros, havia a possibilidade de esperar pela “Lei da Compensação”:

**Severino Serrotão lá de Campina Grande/ Frequentava toda dança em Bodocongó
Na volta do Zé Leal era bem respeitado/ E lá na rua do Arrojado ele estava só
Certa vez apareceu um tal de Garrafão/ E topou com Serrotão um certo bafafá
Quatro murros, quatro quedas, desapareceu/ Porque Serrotão lhe deu mesmo pra matar
Garrafão virou garrafa, fugiu lá de Campina/ Passou a ser chamado “vidro de penicilina”.**

Existe no mundo meu irmão, a Lei da Compensação!

**Mas um dia atrás do outro é coisa muito boa/ Serrotão foi aumentando a sua valentia
Na cintura ele trazia pistola e peixeira/ E soltava brincadeira com a policia.
Certa vez no Bar da Caça Serrotão estava/ Entrou o Cabo Vaqueiro com o
destacamento,
Meteu a lenha pra cima, deu como queria,/ Serrotão pegou a trilha e disse “eu não
agüento”
De Campina ele mudou-se para Euclides da Cunha/ Passou a ser chamado “serrinha de
aparar unha”.**

Existe no mundo meu irmão, a Lei da Compensação!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- BACELLAR, Carlos. “*Fontes Documentais: Uso e mau uso dos arquivos*”. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRETAS, Marcos Luis. **A Ordem na Cidade: O Exercício Cotidiano da Autoridade Policial no Rio de Janeiro 1907-1930**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 5ª. Edição, vol.1, 2000.
- _____. **A Invenção do Cotidiano – Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, vol.2, 1996.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas: o Discurso Jurídico e a Moralização dos Costumes – Campina Grande 1930-1950**. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, Março de 2000.

CHALHOUB, S. **Trabalho, Lar e Botequim**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, Bordéis: Negociando Identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. **Meu Lar é o Botequim: Alcoolismo e Masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

_____. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.

MIRABETE, Julio Fabbrini. **Código Penal Interpretado**. São Paulo: Atlas, 1999.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

SOUSA, Fábio G. R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande 1920-1945**. Tese de Doutorado em História Social, UNICAMP, Campinas, 2001.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese de Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O Doce Veneno da Noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFCG, Campina Grande, Abril de 2007.